

## Da Economia à Ecologia

**Categories :** [Marcos Sá Corrêa](#)

Da Economia à Ecologia, a distância pode ser bem menor do que se pensa. Aqui, pelo menos, na redação do Eco, basta meia dúzia de passos para atravessar o corredor que separa o site da sala onde trabalha a jornalista Miriam Leitão. E, por falar nisso, como ela trabalha! É difícil chegar tão cedo a ponto de não encontrá-la já diante do computador, às vezes com o jeito de quem amanheceu num estúdio de televisão. E ainda mais difícil sair tarde sem passar pela luz acesa de seu escritório, atravessando a parede de vidro. Sinal de que ela ainda está lá, espremendo textos indigestos, como atas do Copom, para servir o puro suco aos leitores de sua coluna no café-da-manhã.

Diante de sua rotina, o expediente do Eco parece uma brincadeira diária de marmanjos. O jornalismo ambiental pode até ser novidade. Mas lembra muito o velho jornalismo. É produto de muita conversa, discussão e piada. No site, até os e-mails que viajam de uma mesa à outra costumam ser precedidos por comentários em voz alta, que vão à frente das mensagens como batedores de sirenes ligadas. Tudo isso faz barulho. Mas ela não reclama.

Miriam vem pouco à sala do Eco. Mas, quando vem, pede licença para entrar, como se a casa não fosse, literalmente, sua. Modéstia à parte, quase sempre traz notícia fresca, entregue a domicílio na oficina de repórteres cada vez mais desatentos aos assuntos que vivem nas primeiras páginas. E certamente nos controla de longe, porque é só chegar à redação um entrevistado para aparecer instantaneamente a bandeja do legítimo café mineiro de Dom Modesto, feito na hora. O bule de porcelana, ainda por cima, está sempre misteriosamente cercado pelo número certo de xícaras. Coisa de gente habituada a fazer conta.

Mas outro dia ela veio só para falar de árvores. De três árvores, exatamente. Da amendoeira que plantou quando era menina e cresceu longe da praia, num quintal de Caratinga, em Minas Gerais. Como o Brasil, aquela cidade tem nome de planta. Caratinga vem a ser um tubérculo, que antigamente os índios comiam. E tem uma folha decorativa, de manchas vermelhas, que atualmente os caras-pálidas desconhecem.

Miriam e a amendoeira cresceram juntas. Quando a família deixou a casa, ela se despediu da árvore com choro e abraço. Mais tarde, consolada, tomou coragem, bateu à porta de seu antigo endereço e pediu aos novos moradores para rever a amendoeira. Encontrou no terreiro o toco serrado.

Anos depois veio a laranjeira, que encontrou na casa alugada na Gávea, o bairro mais rural que sobrou na Zona Sul do Rio de Janeiro. Aquele pé dava laranjas azedas, intragáveis. Mas seus galhos estavam carregados de bromélias, que enchiam o jardim de pássaros.

Ela tomou tanto gosto pela laranjeira que, ao se mudar de lá, acabou voltando meses depois para visitá-la, como tinha feito com a amendoeira de Caratinga. Mais uma vez, o novo inquilino se livrara da árvore. Em compensação, agora Míriam estava morando em casa própria, onde era dona de um jasmineiro que cobria o terreno de flores brancas e cheiros doces. Essa árvore, pelo menos, ninguém poderia derrubar. Mas veio o jardineiro podá-la, exagerou no corte e a planta morreu.

Custou algum esforço de reportagem tirar de Míriam Leitão essas histórias. Mas, ao contá-las, ela acabou dizendo à turma do Eco que havia escrito, em versos, o elogio fúnebre de suas árvores. E, dito isso, não teve remédio senão entregá-los. São os versos que o site reproduz abaixo – em primeira mão e grande estilo, como as notícias de Economia que ela publica diariamente.

### ***Três tempos***

Era uma castanheira do mar  
era a terra seca longe do mar  
era apenas a teimosia infantil  
fincando  
um pedaço do mar  
na terra seca que nunca verá o mar.  
Sem lógica,  
sem lei,  
desnatural  
nasceu com destino de castanheira do mar que nunca verá o mar  
nasceu com fraqueza aparente  
força de terra seca que quer o mar,  
o mar que nunca terá

Viveu palmo a palmo o desafio  
e já era um metro de imprevisto  
no dia da chegada dos donos da casa

Ninguém entende mesmo o serviço de uma castanheira do mar,  
longe do mar,  
que nunca vai cobrir a praia,  
cortar o sol,  
nunca, agravar o vento  
nunca ser o que seria,  
o previsto.  
Ninguém entendeu o contraditório,  
a liberdade do impróprio,  
o inventado.

Não havia serviço,  
não havia fruto,  
não havia lógica.

O corte prematuro ainda me fere  
há trinta anos eu a vejo na minha saudade  
da primeira casa alugada.

Era uma laranjeira de laranja meio seca, meio amarga  
que quis a diversidade  
como escusa ou pretexto.  
Por ser de laranja fraca,  
pendurou-se de bromélias,  
espalhou bromélias,  
laranjas de outros bicos,  
convocou passarinhos  
para o jardim dos meus conflitos  
dos vermelhos e dos verdes  
dos tons e contra-tons  
do meio doce  
do meio tempo.  
Forte em bromélias e passarinhos  
e de laranjas, fraca.  
Pressenti, antevi seu fim  
no primeiro decreto  
dos donos da última casa alugada

Era uma árvore de jasmim  
fechada em um verde militar  
silencioso e exato  
na porta da varanda.  
Óbvia em seus galhos e folhas,  
prisioneira do mesmo arredondado imposto pelo jardineiro  
intimidada esquecida.

Até que chegava a revolução dos novembros  
suas flores explodiam em todos os galhos  
seu cheiro invadia, dominava,  
soberana da casa.  
Era, enfim, minha, a casa, a árvore  
e hibiscos, azaléias, palmeiras  
e todo o jardim,

onde o jasmim preguiçoso florescia no seu tempo  
era meu o tempo da casa  
o tempo de esperar  
por novembro,  
pela vida,  
pelas flores,  
pelo cheiro.  
Era enfim, minha, a espera  
a eterna espera pelo tempo das flores  
Era a senhora do tempo do meu jasmim.

Até o dia da poda desatenta  
o corte impreciso  
a ferida fatal

Ainda guardo o desconsolo  
das três vidas, desentendidas.